

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A Cinemateca com o Doclisboa: Outras Sessões  
19 de Outubro de 2024

## TRAITÉ DE BAVE ET D'ÉTERNITÉ / 1951

um filme de ISIDORE ISOU

**Realização:** Isidore Isou / **Texto:** Isidore Isou / **Fotografia:** Nat Sauffer / **Montagem:** Suzanne Carbon / **Assistência de Realização:** Maurice Lemaître / **Música Original:** Daniel Garrigue / **Com:** Isidore Isou, Marcel Achard, Jean-Louis Barrault, Blanchette Brunoy, Blaise Cendrars, Jean Cocteau, Danièle Delorme, Edouard Dermithe, Daniel Gélin, André Maurois, Armand Salacrou, Rodica Valeanu / **Vozes:** Albert J. Legros (Daniel), Bernard Blin (narrador) C. Garrigue.

**Produtor:** Marc Gilbert Guillaumin (Marc'O) / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 123 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 20 de Abril de 1951, Festival de Cannes / **Estreia Comercial:** 25 de Janeiro de 1952, Studio de L'Étoile, Paris / **Inédito comercialmente em Portugal** / **Primeira exibição na Cinemateca:** 21 de Março de 2015, "Double Bill".

---

*"O espectador deve deixar o cinema cego, com os seus ouvidos esmagados, com os dois órgãos perturbados pela disjunção entre a palavra e a imagem. A ruptura entre a linguagem e a fotografia formará o que eu chamo Cinema Discrepante. Anuncio assim o manifesto para um cinema discrepante!"*

Isidore Isou, *Traité de Bave et d'Éternité*

"Caros espectadores, vão ver um filme 'discrepante'. Nenhuma reclamação pode ser admitida à saída". Assim começa o filme-manifesto realizado por Isidore Isou em 1951, obra dedicada a Griffith, Chaplin, Clair, Stroheim, Flaherty, Buñuel, Cocteau, e a todos aqueles que "acrescentaram algo de novo e pessoal à arte do cinema". **Traité de Bave et d'Éternité**, trabalho que se afirma como o primeiro filme letrista, embora seja deliberadamente inscrito nesta linhagem, que o seu realizador conotará com o progresso do cinema através de um desenvolvimento das suas grandes formas, apresenta-se, contudo, como um tratado de um cinema "discrepante" e "cinzelante", dois termos que Isou utiliza para designar um território fértil para uma crítica de muitas das convenções cinematográficas. E se o primeiro remete para a ideia de ruptura e de fractura que, neste caso, se traduzirá no investimento numa dissociação entre a banda de som e a banda de imagem, o segundo remete para um trabalho minucioso que reenviará para uma intervenção meticulosa sobre a própria película cinematográfica.

Criador multifacetado, Isou transportará para o seu primeiro filme um conjunto de questões que já havia desenvolvido no domínio da poesia, no teatro e ou na pintura. Não é por acaso que no início de **Traité de Bave et d'Éternité** surgem várias das capas dos seus livros, entre as quais o livro-manifesto *Introduction à une nouvelle poésie et à une nouvelle musique* (1947). De origem romena, Isou chegou a Paris no final da Segunda Grande Guerra onde, na sequência da sua obra poética, fundou o movimento letrista. Verdadeiro manifesto da poesia fonética, o letrismo postulava a divisão da poesia em letras e sílabas, assim como a divisão de todas as artes nas suas partes constitutivas como imperativo para a constituição de uma nova linguagem para cada forma de expressão artística. Esse era assim o propósito de um cinema letrista com a sua hipótese "cinzelante", segundo a qual um cineasta se devia debruçar sobre os elementos de base da matéria cinematográfica, e esse é o princípio de base de **Traité de Bave et d'Éternité** (Isou formulará estes princípios detalhadamente no seu texto *Esthétique du cinéma*, que publica em 1952, já depois da realização deste filme).

Projectado à margem do Festival de Cannes de 1951, ainda numa versão incompleta, **Traité de**

**Bave et d'Éternité** foi objecto de grande escândalo quando um júri improvisado, composto por várias personalidades, entre as quais Jean Cocteau, Raf Vallone e Curzio Malaparte, lhe concedeu o "prémio de vanguarda", não obstante o filme ter sido vaiado por um público furioso quando confrontado com o facto dos seus últimos dois terços estarem reduzidos ao som (Isou não tinha acabado o filme a tempo para o festival, mas decidiu exhibi-lo na mesma).

Um ano depois, **Traité de Bave et d'Éternité** estreará no Studio de l'Étoile em Paris e a polémica não será menor. A publicidade foi feita por Isou e pelos seus amigos junto às filas de espera dos cinemas vizinhos, distribuindo panfletos que apelavam ao boicote do cinema "académico" e ao visionamento do seu filme. Acção provocatória que não visava outra coisa senão procurar forçar todas as barreiras que separavam **Traité de Bave et d'Éternité** do seu público potencial, fazendo parte de uma estratégia de guerrilha que deve muito aos dadaístas. Mas, na altura da sua estreia, o filme despertou ainda a atenção de um dos críticos do *Cahiers du Cinéma*, Maurice Schérer (Eric Rohmer), que elogiava a forma particular como Isou filmava o quarteirão de Saint-Germain-des-Prés. O que não deixa de ser curioso pois, se o espírito iconoclasta de **Traité de Bave et d'Éternité**, prefigura o situacionismo (depois da projecção em Cannes, Guy Debord juntar-se-á durante algum tempo ao movimento letrista, antes de se afastar em 1952 para fundar a internacional letrista e, mais tarde, o movimento situacionista), ao apresentar na sua primeira parte um conjunto de imagens do próprio Isou a deambular pelas ruas de Paris, antecipa o espírito de Nouvelle Vague. E é nesta conjunção (ou disjunção) que reside grande parte da originalidade de **Traité de Bave et d'Éternité** pois a essas imagens tão apreciadas por Rohmer, Isou acrescentará uma hemorragia de sons e de palavras, que as corrompem.

Dividindo-se em três partes com características distintas – "Princípio", "Desenvolvimento" e "Prova" -, a grande divisão do filme diz respeito à oposição entre a banda da imagem e a banda do som, que aqui assumem a referida discrepância de base, numa vontade explícita de libertar o som da sua submissão à imagem e de contestação de todo o sincronismo. É isso que nos diz a voz da personagem de Daniel (interpretada pelo próprio Isou), e é isso que nos é permanentemente mostrado. A banda sonora é assim constituída por poemas letristas ditos em coro que se prolongam do genérico para o interior do filme, aos quais Isou acrescenta uma voz narrativa que traça a história de Daniel, o autor de um manifesto para um cinema discrepante, expondo as suas polémicas teorias cinematográficas, e a história do seu amor por Ève.

Na banda da imagem, aos seus planos nas ruas de Paris, Isou somará ainda imagens militares recuperadas nos laboratórios do Ministério das Forças Armadas, imagens dos seus amigos letristas, ou mesmo representações de paisagens. Imagens múltiplas que serão progressivamente dilaceradas através de uma intervenção directa sobre a película, pelos rasgões e traços desenhados no filme, inaugurando-se assim um cinema-palimpsesto que sobrepõe várias camadas. Imagens que, em última instância, darão lugar à "ausência de imagens", quando a película é reduzida a uma mera superfície de inscrição da palavra. A montagem discrepante será assim indissociável deste "cinzelar" da imagem, pois ambos os procedimentos participam da destruição de blocos narrativos, anunciando a morte de uma certa ideia de cinema.

A este trabalho minucioso de destruição da imagem praticado em **Traité de Bave et d'Éternité**, sucedeu-se naturalmente um questionamento sobre a possibilidade de realização de filmes sem película. Um ano depois, Isou chegará a defender a morte da realização cinematográfica em prol de um filme-debate unicamente formado por discussões dos espectadores sobre um filme possível. Morte de um determinado tipo de cinema já anunciada por Daniel na entrada de **Traité de Bave et d'Éternité**. "Dizemos que o cinema é uma arte moderna. Até agora só se fizeram obras primitivas. Não há modernismo no cinema. O cinema só começará com a destruição do cinema. Só quando se deixar surgir o material principal onde os materiais secundários têm lugar". Eis a radicalidade do cinema (ou do anti-cinema) de Isou.